A medida de maior eficácia ambiental e mais democrática seria a cobrança por quilômetro rodado. O imposto varia com o tipo do veículo (se mais ou menos poluente) e do ano de fabricação. As pessoas mais ricas, que em tese dirigem mais e possuem mais de um automóvel, pagariam maiores valores. A cobrança poderia ser feita junto com o licenciamento ou a renovação do seguro obrigatório de acordo com o registro da quilometragem.

Uma vez que essas medidas estão relacionadas a mais impostos, o estudo aponta que a primeira barreira encontrada no Brasil é política. O histórico de corrupção no País causa desconfiança e os políticos querem evitar esse desgaste. Ao analisar cidades como Londres, Cingapura e Hong Kong, o estudo afirma que uma forma de diminuir o descontentamento é investir no transporte público, para gerar uma migração espontânea e gradual.

Outra ação eficaz é estabelecer uma meta de redução de emissões de gás carbônico ou quilômetros de congestionamento para que os benefícios almejados fiquem claros e a população se sinta mais motivada a mudar a rotina de locomoção. O estudo está disponível em energiaeambiente.org.br. **POR THAÍS HERRERO**

[OBITUÁRIO]

O legado de **Wangari Maathai**


MARTIN ROWE

Morreu no último dia 25, aos 71 anos, a ativista queniana Wangari Maathai, primeira mulher africana e primeira ambientalista a ganhar o Prêmio Nobel da Paz, em 2004. Trata-se da mais alta honraria em uma trajetória já repleta de pioneirismos. Wangari foi também a primeira mulher do centro-leste africano a obter um título Ph.D. e a ocupar uma cadeira de professora titular na Universidade de Nairóbi, onde lecionava Medicina Veterinária.

Seu maior legado é a organização Green Belt Movement. O que começou com um mutirão de mulheres dedicadas a plantar árvores para combater os efeitos da desertificação no Quênia, em 1977, transformou-se na maior entidade feminista-conservacionista do mundo. Hoje, milhões de árvores depois, o Green Belt Movement oferece formação em gestão, liderança e desenvolvimento de projetos a todas as mulheres participantes.

Isso significa que Wangari percebeu, antes de todo mundo, a importância de uma abordagem de gênero sobre a conservação da natureza, capaz de usar o efeito multiplicador da formação de mulheres para gerar benefícios sociais e ambientais simultaneamente. (*mais na reportagem "Natureza feminina", na seção* Estalo *da edição 51*)

Graças à sua franca oposição a regimes ditatoriais no Quênia, foi presa e espancada diversas vezes, até se tornar ministra adjunta de Meio Ambiente entre 2003 e 2005. Wangari Maathai morreu de câncer e deixa três filhos e uma neta. **(CD)**

FALA, LEITOR

HISTÓRIAS E IDEIAS DE QUEM LÊ PÁGINA22



Se você deseja participar desta seção, escreva para LEITOR@pagina22.com.br e conte um pouco sobre você e seus projetos. Para se comunicar com Gabriela Juns, escreva para gabriela.juns@gmail.com

Em 1992 ela contava 5 anos e, logicamente, ficou bem longe das discussões da Eco 92. Agora, a jovem leitora pretende fazer parte do movimento por uma Rio+20 com resultados efetivos. "Apesar de muita gente não acreditar na conferência, acredito que nós, sociedade civil, podemos fazer a pressão necessária para que surjam bons resultados", afirma Gabriela Juns. Ativista desde a adolescência, a paulistana de 25 anos não é de entregar a batalha. "Eu acredito sempre e acho que o envolvimento das pessoas é fundamental para conseguirmos o que queremos", defende.

Ela, ex-integrante do Greenpeace no Brasil e que participou de várias manifestações, gosta mesmo é de trabalhar nos bastidores, na sustentação das atividades de frente de mobilização. O último grande desafio foi participar da campanha de Marina Silva à Presidência da República, em 2010, quando ofereceu sua experiência como *designer* gráfica ao movimento que levava o nome da candidata. Ao final da campanha, voltou a trabalhar na criação de um curso de ativismo, em São Paulo, que hoje já conta com 75 alunos. (*mais em nota "Ativismo se aprende em aula?", na edição 55*)

Seu próximo *front* será no Rio de Janeiro, em junho de 2012. As decepções recentes nas últimas COPs não abalaram a confiança de Gabriela na conferência das Nações Unidas. Mas a ativista acredita que o sucesso do evento ou a construção de proposições interessantes ao final encontro deve ser, fundamentalmente, incentivar e dar apoio a iniciativas de mobilização paralelas à programação formal. "Não devemos ficar presos à agenda oficial, senão corremos o risco de nos decepcionar novamente", justifica.

A seu ver, o cenário em 1992 era mais propício a mudanças. "Havia muito otimismo. Dava para fazer metas e planos, mas hoje a desilusão tomou conta de muita gente." Nem por isso deve-se dar à conferência por perdida antes mesmo de começar. "Sou jovem e acredito que sempre dá, juntando forças e mobilizando as pessoas." **POR DAVI CARVALHO**